

ZEFINHA E PAULO: QUANDO A LUTA GARANTE TERRA, TRABALHO E LIBERDADE

Remígio, Paraíba
Agosto de 2021

Foto: Flávio Costa @flavio costa

O CASAMENTO DE SEU PAULO E DONA ZEFINHA ocorreu em 1978, no município de Solânea, na Paraíba. Na época, seu Paulo tinha 18 anos e dona Zefinha, 24. Foram viver no Sítio Uruçu, localizado no município de Arara, na Paraíba.

O casal trabalhava três dias da semana para o fazendeiro, como forma de pagamento pela moradia nas terras dele. Os outros dias, contando com o sábado, eram dedicados ao trabalho em uma área de 1,5 hectare (ha) ocupada com roçados e criação de galinha e peru, voltados essencialmente para o consumo da família. Nessas condições, a família foi aumentando a cada dois anos: nasceram Marinalva, em 1979, Marinele, em 1981 e Marinês, em 1983.

O casal fez uma poupança e construiu uma casa no município de Solânea. Em 1982, a família se mudou para lá e passou a trabalhar, em sistema de meação, em roçados de terceiros na zona rural do município.

Em 1984, com outros agricultores da região, seu Paulo recebeu de um fazendeiro a proposta de desmatar áreas para fazer seu roçado. Depois de 2 anos, o roçado viraria pasto para a criação do dono da terra. Pelo acordo, cada agricultor teria que desmatar uma área de 2ha em 2 anos. Da madeira, produziram carvão, sendo também uma parte do fazendeiro. Se quisessem permanecer nas terras, os agricultores dariam início a outro ciclo de desmatamento em outra parcela. Seu Paulo permaneceu apenas por 2 anos nesse sistema.

Realização



Financiadores



Em 1986 nasceu o quarto filho Marinésio. No ano seguinte, seu Paulo migrou para o litoral da Paraíba para trabalhar no cultivo do inhame. No plantio, era remunerado por produção e, na colheita, por diárias. Seu Paulo retornava periodicamente para ver dona Zefinha e os filhos e deixar dinheiro.

Em 1988, seu Paulo retornou para a região de Arara ao receber uma proposta para morar e tomar conta de uma propriedade de 17 ha no Sítio Saco. Com isso, fechou a casa em Solânea e a família se mudou para a área rural. Ele manejava os bois e fazia roçados de milho, feijão, fava e mandioca. Um terço da produção ficava com o proprietário. Nesse período nasceu Marcelo, quinto e último filho do casal.



Em 1991, com as economias do trabalho no Sítio Saco, o casal comprou 2ha no Sítio Riacho da Extrema, em Arara. A partir de então, passou a plantar roçados nessa área, sem deixar de imediato o Sítio Saco.

A família se mudou em definitivo para o novo sítio em 1993, onde construiu uma moradia e fez da casa já existente na propriedade um armazém. Os roçados ocuparam 1,5ha e 0,5ha foi mantido com mata. Para ampliar o plantio, o casal fez plantava nas suas terras dos vizinhos pelo sistema de meia.

Em 1998, depois de participar de uma reunião do Movimento Sem Terra (MST), seu Paulo passou a morar em um barraco de lona com Marinésio e Marcelo, no acampamento que, posteriormente, tornou-se o Projeto de Assentamento. Nessa época, ele avaliava que a quantidade de terra de que dispunha era insuficiente para sustentar a família.

Em 1999, o INCRA cadastrou os agricultores acampados e foi emitida a posse dos lotes do assentamento. Nesse mesmo ano, o casal tomou um empréstimo no Banco do Nordeste para construir um barreiro e plantar 1 ha de palma forrageira da variedade gigante em uma parcela de 2 ha.

Os agricultores assentados se organizaram e escolheram suas respectivas áreas para plantar. Conforme relatou seu Paulo: “Cada um escolheu uma área que se agradava para plantar, e como tinha muita família explorava uma área de mais de 10ha”.

Em 2002, seu Paulo se filiou ao Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Remígio (STTR) de Remígio, quando os agricultores solicitaram sementes de feijão. O Sindicato disponibilizou 100 kg de feijão carioca, dando início ao banco de sementes da comunidade. No entanto, antes da formação do banco de sementes comunitário, seu Paulo já tinha o costume de guardar sementes em casa. “Sou um agricultor que nunca comprou semente”, disse seu Paulo.

O casal sempre trabalhava com roçados de milho (variedade pontinha), feijão (mulatinho, de cacho e carioca) e mandioca (amazoninha). O cultivo de mandioca era limitado por não haver casa de farinha na região. Mesmo assim, eles nunca deixaram de plantar para reproduzir a “semente” da variedade crioula e fornecer aos animais. “A mandioca é uma cultura que aguenta seca, quando preciso dar uma alimentação melhor para algum animal, recorro logo à mandioca, ela afina o cabelo do bicho e rapidamente engorda”, afirmou seu Paulo.

A partir da relação com o STTR de Remígio e, posteriormente, com a AS-PTA, a comunidade criou um Fundo Rotativo Solidário (FRS). Por meio desse mecanismo, a família obteve financiamento para telar os galinheiros, adquiriu lona plástica para preparar a silagem e intensificou as criações de galinhas e ovelhas. “Hoje não precisamos mais nos desfazer dos animais no período do inverno quando plantamos os roçados, pois os cercados de tela não permitem que as galinhas atrapalhem nosso roçado e os vizinhos”, informou dona Zefinha.

Em 2003, a primeira cisterna de 16.000 litros foi construída a partir do Programa Um Milhão de Cisternas Rurais, gerido pela Articulação Nacional do Semiárido (ASA Brasil). Tempos depois, o INCRA viabilizou a segunda cisterna de 16.000 litros. Atualmente, a família tem uma cisterna cadastrada pela Operação Pipa, por meio da qual disponibiliza água para a comunidade. A outra cisterna guarda água da chuva para beber e cozinhar. “Atravessamos o ano inteiro com água da chuva e não consumimos água de origem desconhecida”, afirmou dona Zefinha.

Em 2004, foi realizado o plantio de palma gigante em 2 ha de área de uso coletivo. Os mutirões exercem papel essencial para ampliar as reservas de forragem. A produção foi dividida para cada família das duas agrovilas que compõem o assentamento.

O plantio de diversas espécies de árvores na parcela de 0,5ha, mas também nas demais áreas do agroecossistema, é outro aspecto destacado na trajetória. Para seu Paulo, foi nas reuniões que passou a entender o papel das árvores e seus muitos benefícios para a agricultura: “Quando pego uma mudinha, escolho um canto bom de plantar. A folha, quando cai na terra, deixa o solo mais forte. Ela estruma a terra, que fica mais fofa e mais forte”.



Em 2006, o casal participa da criação da feira agroecológica de Remígio. No entanto, deixou de comercializar nesse espaço, pela dificuldade de transportar os produtos. Desde então, passou a ser fornecedor de produtos, pois uma vizinha de assentamento leva parte da produção da família para vender.

Em 2009, por intermédio do Programa P1+2, o casal foi beneficiado com a construção da cisterna-calçadão, com capacidade de armazenamento de 52.000 litros. A água acumulada foi importante para manter e intensificar o arredor de casa.

Nesse mesmo ano, dona Zefinha se aposentou e passou a receber uma renda estável. Entre 2009 e 2010, o casal realizou vendeu produtos para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Nos anos de 2011 e 2012, a família participou de uma pesquisa para avaliação de 11 variedades de milho, em parceria com a Embrapa Tabuleiros Costeiros, AS-PTA, Polo da Borborema e STTR de Remígio.

Em 2013, foi realizada outra pesquisa, desta vez para avaliar a produção de seis variedades de feijão macassar. Nesse mesmo ano, o casal teve acesso a um empréstimo no BNB, pelo Pronaf Semiárido, com o qual construiu um barreiro na área de 10 ha e plantou capim braquiária.



Foto: Flávio Costa @flavorcosta

Em 2014, o casal participou de uma pesquisa coordenada pelo Instituto Nacional do Semiárido (INSA) e a ASA, com o objetivo de avaliar os efeitos das inovações no agroecossistema a partir da implantação das infraestruturas hídricas pelos programas da ASA.

Em 2015, por intermédio do Projeto Sementes do Semiárido, foi construído um espaço específico para abrigar o banco comunitário de sementes (BSC). Além da construção, foram realizadas formações e adquiridos equipamentos para qualificar a gestão coletiva das sementes.

Pela experiência no uso e manejo comunitário das sementes da paixão, a família e a comunidade passaram a receber muitas visitas de intercâmbio.

Além disso, seu Paulo era convidado sistematicamente para participar de eventos sobre a temática. “Em 2016, fiz minha primeira viagem de avião para o Mato Grosso do Sul. Lá tive oportunidade de falar para mais de 600 pessoas num Congresso de Recursos Genéticos”, afirmou o guardião.

Em 2016 e 2017, a família iniciou a venda de milho livre de transgênicos para fortalecer a rede de bancos de sementes e participa da campanha “Não planto transgênicos para não apagar minha história”. A família realiza anualmente testes de transgenia para garantir que o milho continue livre de transgênicos. Além disso, conseguiu comercializar feijão empacotado nas últimas edições da Festa Estadual das Sementes da Paixão.

Seu Paulo se aposentou em 2017. No mesmo ano, a família construiu um barreiro para ampliar a capacidade de estocagem de água, sobretudo para abastecer o rebanho. Em 2018, com a ampliação das áreas de roçados consorciados em 4ha, foi organizado um mutirão para estocar a biomassa forrageira produzida.

O ano de 2019 foi de incertezas em função da seca. Em resposta, a família diminuiu a área de roçado, deixando de organizar plantios na área dos filhos. A produção de feijão e milho foi suficiente apenas para o consumo da família e para guardar as sementes para a próxima safra. A produção de forragem para os animais também foi abaixo da média. Depois de muitos anos, seu Paulo teve que vender alguns animais e recorrer à compra de milho para alimentar os que restaram.

Em 2020, destaca-se a experiência bem-sucedida de produção de algodão agroecológico, adaptada a baixas precipitações. Seu Paulo e dona Zefinha, agricultores experientes, conseguiram diversificar os roçados com milho, feijão, algodão e jerimum, por exemplo, embora o ano tenha sido marcado por chuvas irregulares.

Em 2021, ampliaram o plantio de palma resistente à cochonilha do carmim. Visando à segurança da alimentação do rebanho em períodos de escassez de chuvas, utilizaram a máquina forrageira comunitária para armazenar a forragem em sacos ■

Este Boletim foi elaborado no âmbito do Projeto Borborema Agroecológica, uma iniciativa do projeto INNOVA-AF, que busca fortalecer as capacidades das famílias por meio da gestão participativa do conhecimento e da disseminação de boas práticas para a adaptação às mudanças climáticas. Implementado durante os anos de 2018-2021 em oito países da América Latina e do Caribe, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e inclusivo do meio rural.